



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

AS GRANDES GREVES DA REGIÃO DE LISBOA A CAMINHO DE NOVAS E MAIORES OFENSIVAS

OS trabalhadores e trabalhadoras de Lisboa, Almada, Barreiro, Seixal, Amora, Alhos Vedros e outras localidades, acabam de travar uma das maiores lutas, se não a maior, até hoje travada pela classe operária portuguesa, contra o fascismo.

As grandiosas Greves, Marchas da Fome e Manifestações de julho-agosto, em que participaram mais de 50.000 trabalhadores, mostram a crescente unidade, consciência revolucionária e combatividade da classe operária, indicam, claramente, que entramos numa nova época de grandes lutas de massas contra o fascismo, que conduzirão à criação da situação insurreccional na qual o fascismo será derrubado. As grandes jornadas de julho-agosto mostram, por outro lado, a crescente influência e prestígio do Partido Comunista, mostram que o Partido Comunista tem a sua organização enraizada nas massas, mostra, acima de tudo, a justeza das palavras de ordem do Partido Comunista, a justeza da linha política do Partido Comunista. **As grandes jornadas de julho-agosto constituem uma grande vitória política do Partido Comunista e da classe operária.**

O governo fascista de Salazar, em vez de solucionar a situação angustiosa das massas trabalhadoras, pôs em jogo todas as forças repressivas para sufocar o movimento. Fez descarregar metralhadoras e atirar granadas de mão, contra trabalhadores indefesos. Ocupou, militarmente, fábricas e localidades. Encerrou, em campos de concentração improvisados, milhares e milhares de trabalhadores.

O governo fascista de Salazar mandou assaltar os operários do barco "Luso". Mandou metralhar as valentes mulheres barreirenses, mandou espancar os trabalhadores e trabalhadoras de Almada e Lisboa que reclamavam melhores salários e géneros. O governo fascista de Salazar decretou despedimentos em massa e a formação de batalhões de trabalhos forçados, sob o chicote do sinistro assassino major Botelho Moniz. Mas, apesar desta feroz repressão, dezenas de milhares de heróicos trabalhadores e trabalhadoras mantiveram-se em greve durante mais de uma semana, durante mais de uma semana realizaram grandes Marchas da Fome e Manifestações de Rua, exigindo, unidos, combativos e solidários, a satisfação das suas reivindicações.

Socorrendo-se da repressão feroz, mostrando assim a sua impotência para resolver as dificuldades criadas pela sua própria política, mostrando-se incapaz de solucionar a situação de fome e de miséria, desmascarando-se como o inimigo n.º 1 do povo trabalhador, perante toda a nação portuguesa, Salazar e o seu governo perderam a confiança e o apoio de algumas camadas da população que até agora estavam a seu lado. **A desagrega-**

ção começou a roer as entranhas do fascismo. As demissões do presidente da Câmara de Almada e do Administrador do Seixal, os pedidos de demissão de muitos legionários, são exemplos, entre dezenas deles, da desintegração do fascismo salazarista.

As grandes jornadas de julho-agosto aprofundaram as contradições internas do fascismo e criaram a base para uma grave crise política do fascismo salazarista.

As grandes jornadas de julho-agosto, abriram novas perspectivas ao movimento de Unidade Nacional, aumentando o número dos que lutam pelo derrubamento do governo de Salazar e pela instauração dum governo democrático de Unidade Nacional.

Ao contrário do fascismo, a classe operária tomou consciência da sua força, ganhou confiança em si própria, viu, praticamente, a força que lhe dá a unidade, organização e combatividade. A classe operária mostrou, definitivamente, que caminha à cabeça do movimento nacional anti-fascista. O Partido Comunista revelou-se, decisivamente, como a vanguarda da classe operária e das massas trabalhadoras e as massas convenceram-se, através da luta, da justeza das palavras de ordem, das consignas e da tática do Partido Comunista. O Partido Comunista, durante estas grandiosas jornadas, estendeu a sua influência e prestígio a muitas dezenas de milhares de trabalhadores e a esferas progressivas e patrióticas. Massas, cada vez mais amplas, vêem no Partido Comunista o seu guia, o seu Partido.

Desagregação e crise no campo do fascismo; fortalecimento da unidade, da organização e do espírito de luta, no campo da classe operária e do movimento anti-fascista. Eis duas consequências políticas, fundamentais, das grandes jornadas de julho-agosto.

O governo fascista de Salazar não conseguiu infligir uma derrota à classe operária. Sob a direcção do Partido Comunista, a classe operária, quando, em virtude da feroz repressão, se tornava sulcida continuar em greve, operou uma retirada em ordem. No manifesto do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista, de 4 de agosto (o quarto manifesto editado pelo Secretariado durante as greves), dizia-se: **"É também necessário saber recuar quando as condições forçam a isso. Mas recuar reagrupando forças, consolidando posições, preparando novas ofensivas".**

Não se tratou duma retirada desordenada como as que tem lugar após a derrota. Tratou-se duma retirada estratégica da classe operária, para evitar uma batalha em condições desvantajosas, para con-

servar o máximo de terreno conquistado, para organizar as forças para uma nova ofensiva.

Os trabalhadores de Lisboa, Almada, Barreiro, Seixal, Amora e outras localidades, efectuaram um recuo tático, ganhando posições para desencadear novas ofensivas.

O manifesto de 4 de agosto do Partido Comunista dizia:

"Depois de mais de uma semana de luta heróica de 50.000 trabalhadores e trabalhadoras, a situação torna necessário que retomemos o trabalho. Mas o trabalho deve ser retomado, alcançando em cada fábrica e empresa a satisfação do máximo de reivindicações. Em cada fábrica e empresa devemos regressar ao trabalho com a condição da libertação de todos os trabalhadores presos, da readmissão de todos os trabalhadores, sem excepção, de serem cumpridas todas as promessas do patronato em cada fábrica e empresa".

A luta não deve cessar a só momento. Em cada fábrica e empresa, uma vez retomado o trabalho, devemos continuar, imediatamente, a luta reivindicativa. **O patronato está intimidado com a ideia da greve e, cedará, ante a pressão das massas, se estas lutarem unidas e com firmeza.** Em cada fábrica e empresa, há que formar **Comissões de Unidade**, onde as não houver, comissões essas que devem, com o apoio activo de todos os trabalhadores, reclamar do patronato, sindicatos nacionais e organismos corporativos, a satisfação das reivindicações fundamentais, da hora presente: **aumento dos salários, integração dos subsídios nos salários, justa fixação de categorias, pagamento a dobrar dos domingos e horas extraordinárias, abolição dos descontos, fortalecimento de géneros.** Em cada fábrica e empresa, há que insistir, com dobrado vigor, para que as reivindicações sejam atendidas.

E, ao mesmo tempo, o Partido Comunista, vanguarda incontestada da classe operária, deve fortalecer a sua organização, renovar os seus quadros com elementos que se revelaram durante as grandes lutas, alargar e consolidar a sua organização, enraizar-se ainda mais no coração das massas. Esse é o melhor penhor para a vitória das massas trabalhadoras. O Partido Comunista promete à classe operária e às massas trabalhadoras que não regateará esforços e sacrifícios para fortalecer todos os aspectos da sua actividade, de forma a poder ajudar, cada vez mais intensamente, as lutas das classes laboriosas.

A classe operária deve, desde já, co-

—> continua na página 2 —>

As Grandiosas Marchas da Fome e Manifestações de Massas no Barreiro

Dado o reduzido espaço das colunas do "Avante!", é-nos impossível, num só número, descrever todos os aspectos das grandes lutas que a classe operária acaba de travar, todos os actos de heroísmo, todas as ferocidades da repressão. Fá-lo-emos em números sucessivos. Acrescentamos hoje alguns pormenores às notícias publicadas no último número do "Avante!", acerca das quatro grandes Marchas da Fome que tiveram lugar no Barreiro, durante as grandes e magníficas greves.

No dia 28, pela manhã, ao chegarem às oficinas da CUF para continuarem a greve dos braços caídos, os operários verificaram que as fábricas estavam encerradas e guardadas por forças armadas. Nos portões tinham sido afixados avisos de encerramento. A Polícia, a GNR e forças do Exército, mandaram retirar os operários. Foi então que se formaram grandes marchas da fome, inicialmente duas, uma constituída pelo pessoal dos tecidos, que compreende uma grande percentagem de mulheres, e outra formada pelo pessoal das restantes secções.

A primeira dirigiu-se às oficinas dos Caminhos de Ferro e convidou o pessoal a pôr-se em greve, obrigando as oficinas

Continuação da 1.ª página

meçar a preparar-se, febrilmente, para novas ofensivas. **Onde o patronato não ceda às reivindicações apresentadas pelas comissões ou por representações, os trabalhadores têm de encerrar, desde já, novo recurso a formas superiores de luta, novo recurso a suspensões temporárias de trabalho, e à greve. A suspensão temporária de trabalho e a greve devem tornar-se armas de emprego corrente para os trabalhadores conseguirem a satisfação das suas reivindicações (numa só fábrica ou em várias fábricas, simultaneamente). As marchas da fome e as manifestações de massas, pelos géneros, mostraram ser importantíssimo complemento das greves e a única forma de alcançar uma solução, embora parcial e temporária, do problema da falta de géneros.**

Continuando sem desfalecimentos a luta pelas reivindicações vitais; estreitando ainda mais a união, selada nas lutas de rua, nas paralizações de trabalho, nas marchas de fome, nas prisões, nos campos de concentração; organizando Comités de Unidade em todas as fábricas e secções de fábrica para conduzirem as lutas reivindicativas; **os trabalhadores preparam-se para novas e maiores jornadas de luta. Em toda a parte do país, onde se esgotaram todos os meios legais para que as reivindicações sejam atendidas, os trabalhadores devem lançar-se decididamente na greve,** seguindo o exemplo heroico dos trabalhadores, homens e mulheres, da região de Lisboa.

Preparemo-nos para novas e maiores ofensivas. Apliquemos todos os nossos esforços, toda a nossa atenção, na preparação de jornadas de luta que serão ainda mais possantes que as grandes greves, marchas da fome, e manifestações de julho-agosto. **Começam a amadurecer as condições para uma greve geral.** Desde já se deve ter este objectivo em mira, embora não seja imediato.

Com as lutas de massas, a classe operária está abrindo caminho para o derrocamento do fascismo. Avante, pela satisfação das reivindicações imediatas das massas trabalhadoras. Avante, pelo derrocamento do governo fascista de Salazar, inimigo n.º 1 do povo português.

Avante, por um governo democrático de Unidade Nacional.

a suspender o trabalho a partir das 9 horas até às 15. Logo que o trabalho das oficinas paralizou, os manifestantes fizeram parar um comboio que vinha de Setúbal, pondo-se no meio da linha a gritar "Temos fome!", "Temos fome!". Muitos passageiros do comboio apoiavam os manifestantes. Ai, a manifestação, que contava já umas 1.000 pessoas, fraccionou-se em três partes. Uma vai à Fábrica Harold, cujo pessoal, que no decurso da greve, veio a manifestar uma elevada consciência de classe, paraliza imediatamente e se incorpora à manifestação. Esta segue para a Fábrica de cortiças Ferreira Filipe, onde sucede o mesmo. A manifestação contava, já então, para cima de 5.000 pessoas. Mais e mais trabalhadores e trabalhadoras se juntam à grande marcha da fome. Ao dirigir-se à Câmara Municipal, conta para cima de 6.000 pessoas. No caminho, uma força de polícia procura dispersar a manifestação à coronhada, apesar dos manifestantes terem levantado os braços. Uma valente rapariga adianta-se para explicar ao comandante da força o carácter ordeiro da manifestação, mas é também recebida à coronhada, ficando bastante ferida, pelo que teve de ir receber tratamento a uma farmácia. A polícia começa então a disparar as metralhadoras, primeiro para o ar, depois contra os manifestantes. Seis raparigas ficam feridas. A manifestação é assim dispersa. Mas as metralhadoras, manejadas criminosamente, continuam a crepitar, atirando sobre os pequenos grupos em que se dividira a manifestação.

Outro dos grupos em que se dividiu o pessoal dos tecidos da C.U.F., dirige-se ao Lavradio, acompanhado de muitas crianças. A esta marcha junta-se o pessoal da fábrica de cortiça Barreiras que já então se encontrava em greve. A marcha segue para as fábricas de gorta e pólvora cujos operários paralizam e se juntam à manifestação. No caminho, os trabalhadores das salinas param igualmente e engrossam a marcha da fome. Esta tem, já então, proporções grandiosas. Em filas de três pessoas, a manifestação estende-se por três ou quatro quilómetros, em direcção a Alhos Vedros. A frente do cortejo, mulheres empunham bandeiras negras, as bandeiras da fome. À chegada a Alhos Vedros para toda a indústria local (cortiça, velas, etc.) e os operários e operárias, empunhando bandeiras negras, juntam-se à manifestação. Para impedir a chamada de forças repressivas, os manifestantes cortam todas as comunicações telegráficas e telefónicas. Na estação do Caminho de Ferro, depois de terem feito o mesmo, colocam-se na linha e impedem que o comboio do Alentejo siga para o Barreiro. Os manifestantes

gritam: "Fome!", "Fome!" e, quando o comboio pára, muitos passageiros fazem causa comum com os manifestantes. A locomotiva é então desligada e o chefe da estação, intimado, com o prazo de três minutos, pelos manifestantes, dá-lhe o sinal de partida, seguindo a locomotiva sozinha para o Barreiro, onde chega no meio do entusiasmo da população e o pânico dos fascistas. Depois da partida da máquina, apareceu uma força da G.N.R., a cavalo, composta de seis guardas e um sargento. Este, ao mesmo tempo que manda dois guardas buscar reforços, toma perante os manifestantes uma atitude simpática, o que lhe vale uma calorosa salva de palmas. Como a sua atitude não passasse dum "truque", e vendo que este não dava resultado, o sargento puxa pela espada e tenta, pela violência, dispersar os manifestantes, mas tem que desistir, em virtude de se sentir envolvido, cada vez mais de perto, pelas manifestantes. Às 14 horas, a manifestação dispersa-se, por vontade própria dos manifestantes.

A segunda manifestação que, como atrás se diz, era inicialmente constituída pelos operários da C.U.F., com excepção do pessoal dos tecidos, vai à fábrica de tecidos Teodoro Rúbio e convida o pessoal, mulheres na maior parte, a paralizar o trabalho, o que estas fazem, incorporando-se na marcha. Vai em seguida à fábrica de cortiça Cantinhos, onde sucede o mesmo. Intervém então uma força do Exército que atira granadas de mão sobre os manifestantes. Ficaram feridos 2 operários, 2 mulheres e 2 crianças.

Foram estas as grandiosas marchas da fome e demonstrações dos valentes trabalhadores e trabalhadoras do Barreiro.

Defrontando o terror e a repressão, durante muitas horas, muitos milhares de trabalhadores e trabalhadoras manifestaram-se, em massa, exigindo a solução da sua desesperada situação económica. As massas trabalhadoras e em particular as decididas mulheres barreirenses, fizeram paralizar toda a indústria, e o comércio do Barreiro. Foram grandes jornadas em que, apesar da ocupação militar da grande vila industrial, apesar das centenas de prisões, os trabalhadores, unidos como um só, desceram à rua para dar uma prova magnífica da sua combatividade e da sua decisão de lutar até conseguir a satisfação das suas reivindicações. Que não julgue o patronato e o fascismo que a repressão brutal dos movimentos populares arrefecerá o ânimo das massas e as afastará do caminho da luta. O povo barreirenses em breve voltará de novo à rua, com maior força e energia. O povo do Barreiro não esquecerá os ensinamentos e experiências colhidos nestas grandes jornadas de luta.

Solidariedade aos grevistas presos!

Em todas as fábricas, empresas e localidades, se deve intensificar a solidariedade material aos grevistas presos e suas famílias. Ao mesmo tempo que se exige a sua libertação e reintegração no trabalho, não devemos deixar morrer de fome esses nossos heróicos companheiros de luta, que sacrificaram a sua liberdade aos interesses das massas trabalhadoras.

A LUTA PELOS GÊNEROS

Marchas da Fome e Manifestações de Massas no Norte do País

EM TODO O PAÍS cresce a onda de lutas pelos gêneros. A nação portuguesa levanta-se contra a política de fome e de traição do governo fascista de Salazar. O movimento de Unidade Nacional anti-fascista torna-se uma grande realidade que faz tremor o fascismo. Unem-se na luta homens e mulheres, jovens e velhos de todas as tendências políticas e de todas as crenças religiosas. Um grande ensinamento resulta de todas estas lutas: Onde as massas populares se curvam à tirania fascista, os gêneros faltam em absoluto e a fome e a miséria tornam-se cada vez mais negras. Onde as massas populares resistem à política de fome do governo fascista, onde lutam unidas e com decisão, as próprias autoridades fascistas são obrigadas a tomar medidas para o fornecimento de gêneros. Para conquistar os gêneros, que são indispensáveis à nossa alimentação, e que o governo fascista envia para a Alemanha ou que assambarcadores roubam ao mercado, lutemos unidos como um só homem. Organizemos em toda a parte grandes marchas da fome e manifestações de massas, exigindo o imediato fornecimento de gêneros. Desfraldemos bandeiras negras, empunhemos cartazes onde se leia "Temos Fome!", "Queremos Pão!", "Queremos Gêneros!". Vamos buscá-los onde quer que estejam assambarcados, seja em casas particulares ou em estabelecimentos comerciais e distribuamos os gêneros assambarcados pelo povo. Resistamos contra as requisições, nas pequenas localidades, dos gêneros que são indispensáveis à alimentação da população local. Organizemos a fiscalização de venda e distribuição em cada casa comercial. Formemos Comissões Populares de Fiscalização do Abastecimento. Que se alargue cada vez mais a luta pelos gêneros. Que, em todos os cantos de Portugal, o povo se levante contra a política de fome e de traição do governo fascista de Salazar.

EM VILA REAL (Trás-os-Montes)

Em Vila Real há muito azeite sonogado para ser vendido por altos preços. O principal traficante do "mercado negro" naquela cidade é o vice-presidente da Câmara Municipal, Dr. Albertino Rodrigues da Costa que também é chefe da secretaria notarial. Este cavalheiro tem um depósito clandestino onde tem sempre várias pipas cheias de azeite que vende para fora da terra ao preço de 20\$00 e 25\$00 o litro. Para o povo não há uma gota de azeite à venda. **As mulheres de Vila Real juntaram-se e foram exigi-lo à Comissão Reguladora do Comércio.** Ali disseram-lhes que voltassem dentro de 4 dias, buscá-lo. No dia marcado voltaram e a Comissão não distribuiu o azeite, voltando a dar novo prazo. Esta cena repetiu-se algumas vezes até que **no dia 12 de julho, mais de 150 mulheres formaram uma manifestação e com uma bandeira preta, desfraldada, marcharam em direcção à Câmara Municipal a exigir o azeite.** As autoridades tentaram reprimir o movimento, mas as mulheres enfrentaram decididamente a força pública e o azeite foi logo posto à venda.

NA RÉGUA

O presidente da Câmara municipal da Régua, João Vasques Osório, tem um desprêso absoluto pelas necessidades do povo. Há meses que naquela localidade foram distribuídas senhas de racionamento. Mas o povo, com essas senhas, poucos ou nenhuns gêneros consegue. Não há azeite, nem outros gêneros, ao preço da tabela, para o povo. O presidente da Câmara só obriga os comerciantes a vender os gêneros ao preço da tabela aos funcionários públicos e força armada. Depois, dá carta branca aos comerciantes para vender as mercadorias ao preço que quiserem à população. Diz ele que se o povo exige açúcar e porque tem muito dinheiro e que, portanto, pode pagar as coisas mais caras. Os comerciantes aproveitam esta ordem e vendem quasi todos os gêneros para fora da terra e por preços muito elevados.

Nos princípios de julho o dono dum **Jagar de azeite no Pêso da Régua, conhecido por Alvaro Serralheiro, quis vender o azeite ao povo pelo preço da tabela.** O presidente da Câmara ao saber disto, apreendeu o azeite e distribuiu-o pelas autoridades e funcionários da Câmara, reservando para si uma grande quantidade. Houve funcionários a quem sobrou muito azeite e que venderam cada senha, com direito a comprar 5 litros de azeite, por 30\$00 e 40\$00!

A fome que lavra na Régua e localidades próximas, obrigou as mulheres do Sargueral, Pêso da Ré-

gua e Régua, a organizar uma marcha da fome, exigindo a distribuição dos gêneros e do azeite ao preço da tabela. O presidente da Câmara, ao ter conhecimento do caso, foi ao local onde se preparava essa manifestação, de automóvel e acompanhado do chefe da polícia, que, de pistola em punho, obrigou as mulheres a dispersar. No local havia ainda poucas mulheres, mas uma delas avançou com decisão contra o chefe da polícia gritando que preferia morrer dum tiro a morrer de fome. O presidente prometeu dar providências mas até hoje nada fez e só se conseguem os preços no "mercado negro" e por preços tais que o povo não lhes pode chegar.

NO PINHÃO (Alto Douro).

Viajam todos os dias pela linha do Alto Douro muitas mulheres que, desde a Régua ao Tua, compram centenas de cântaros de azeite. Estas mulheres vivem do "mercado negro" e compram o azeite a 20\$00 e a 22\$00 o litro, para depois o vender no Porto e arredores a 40\$00 cada litro!

A população das terras onde estas mulheres vão buscar o azeite não consegue adquiri-lo porque os comerciantes só o vendem por altos preços e em grandes quantidades. Mesmo que o povo dessas localidades queira comprar o azeite a 20 escudos, os comerciantes não lho vendem porque não se querem incomodar, nem ariscar a vender pequenas quantidades. As autoridades locais fecham os olhos a este comércio negro e não obrigam os comerciantes a vender o azeite ao povo.

Nos dias 16 e 17 de julho as mulheres de Pinhão, desesperadas por não ter azeite em casa, fizeram duas manifestações, no largo da aldeia e, como não lhes fosse dada qualquer providência, assaltaram as mulheres que ali vão comprar o azeite por altos preços. A G.N.R. foi obrigada a intervir, e, em colaboração com o povo, perseguiram as candongueiras, a quem apreenderam várias bilhas de azeite. O povo exigiu então a apreensão do azeite aos comerciantes da terra que o têm escondido, mas a G.N.R. fez ouvidos de mercador e não deu providências. Parte do azeite apreendido às candongueiras foi distribuído pelo povo. Contudo, apesar dos protestos populares, o "mercado negro" continua a fazer-se descaradamente, em prejuízo da população local.

SOUTO DA FEIRA

A população de Souto da Feira há muito que não tem milho. No dia 5 de julho o povo desta localidade, acossado pela fome, nomeou uma comissão para se avistar com o administrador da Vila da Feira e exigir que o milho, assambarcado nas casas dos lavradores de Souto, fosse distribuído pelo povo. O administrador

negou-se a tomar esta medida e despediu a comissão. O povo ao saber que as autoridades não davam providências, tocou o sino a rebate e organizou uma manifestação com mais de 200 pessoas paralizzando até uma serração e duas pequenas oficinas. Esta manifestação foi um exemplo magnífico de Unidade, pois nela participaram o regedor, o seu filho e até um agente de polícia reformado e com cerca de 80 anos de idade. Todo o povo se dirigiu a casa do presidente da Junta para que este o acompanhasse aos celeiros dos lavradores e os obrigasse a vender o milho assambarcado ao que este se negou. Então a festa começou mesmo pela casa do presidente da Junta que é um dos mais abastados lavradores da terra e que colheu 70 cairos de milho este ano. A população repartiu o milho ao preço da tabela, apesar das ameaças do presidente da Junta.

Vinte e quatro horas depois, o presidente da Junta entrou em Souto da Feira com uma brigada de polícia de Informação do Porto e uma força da G.N.R. de S. João da Madeira. Sob as indicações deste miserável, a polícia invadiu as casas dos trabalhadores e foram feitas nesse dia 10 prisões, entre as quais a do polícia reformado que é acusado de ser o "chefe da revolta". No dia 8 foram prender mais 3 camponeses. **As mulheres dos presos exigiram também a sua prisão o que a polícia não fez.**

Em Guimarães, Delães, Ribeira de Ave, Vila do Conde, Taipas (Famalicão), Braga, Famalicão, Tondela, houve também grandes lutas pelos gêneros, a que no próximo número faremos referência.

CORRESPONDENTES DO "AVANTE!"

O "Avante!" necessita de correspondentes em todas as terras de Portugal. Nós queremos que os nossos correspondentes nos relatem regularmente tudo quanto se passa nas suas localidades e possa interessar ao movimento operário e anti-fascista. Precisamos que eles nos mandem regularmente notícias de todos os movimentos e lutas (por muito pequenas que sejam) das massas populares. Precisamos que eles nos mandem regularmente notícias de todos os manejos quinta-colunistas e de traição, notícias da situação das classes trabalhadoras na respectiva região, bem como de casos de exploração e arbitrariedades fascistas. Precisamos, em suma, que eles sejam colaboradores regulares e empreendedores do "Avante!"

Onde a necessidade de correspondentes se faz mais sentir é no Algarve, Alentejo e Beira.



NOVAS VITÓRIAS DA COLIGAÇÃO ANTI-HITLERIANA

OREL RECONQUISTADA. AMEAÇA SOVIÉTICA SOBRE KARKHOV. ÚLTIMA FASE DA CAMPANHA DA SICÍLIA.

PROSSEGUE vitoriosamente a ofensiva de verão do Exército Vermelho. Depois de ter esmagado, em 10 dias de batalhas gigantescas, que figuram entre as maiores de toda a guerra, a grande ofensiva nazi, o Exército Vermelho lançou-se, por sua vez, ao ataque, rompeu as linhas de fortificações fascistas e, derrotando poderosíssimas forças alemãs, reconquistou centenas de cidades e vilas.

O primeiro grande êxito da

O FASCISMO SERÁ DERROTADO!

ofensiva de verão soviética foi a conquista de Orel (dia 5 de agosto) que o Alto Comando Alemão tinha convertido na mais poderosa praça fortificada da frente oriental e que, desde 1941 se encontrava em seu poder.

A reconquista de Orel pelo Exército Vermelho fez pesar uma séria ameaça sobre Briansk, outro baluarte fascista, e, duma forma geral, sobre todo o dispositivo das forças nazis na frente central.

Por outro lado, no mesmo dia 5, o Exército Vermelho reconquistou a posição-chave de Bielogorod, partindo daí para uma grande ofensiva contra a grande cidade de Karkhov, o maior centro ferroviário da Ucrânia oriental. No dia 9, a tomada de Bogoduehov (no caminho de ferro Karkh v Gornel) mostra que as tropas soviéticas, avançando de Bielogorod, romperam profundamente as linhas alemãs e estão realizando com grande êxito uma manobra envolvente de Karkhov. Os principais caminhos de ferro que ligam Karkhov com os sectores da frente central estão cortados. Karkhov está sob a ameaça iminente do Exército Vermelho. É, entretanto, de contar com uma resistência encarniçada das hordas fascistas, pois o Alto Comando Alemão sabe que a perda de Karkhov poria em risco todas as suas posições na frente sul e o fuzaria eventualmente ao tão falado "en-

curtamento radical da frente", que não é mais que uma "justificação estratégica" de grandes derrotas que os nazis virão a sofrer.

Ao mesmo tempo que o glorioso Exército Vermelho conduz vitoriosamente a sua primeira ofensiva de verão, os exércitos anglo-americanos chegam praticamente ao termo da campanha da Sicília.

Tem interesse confrontar-se os magníficos êxitos das operações

aliadas com o que escrevia, em 26 de junho, o cronista de guerra do jornal hitleriano "Deutsche Allgemeine Zeitung": "As guarnições italianas e os soldados alemães estão firmemente dispostos a defender, até à última, o cinturão das ilhas que rodeia a Itália, contra qualquer tentativa de invasão. Visitei recentemente a Sicília e tive ocasião de verificar que as já poderosas fortificações defensivas continuam a ser reforçadas. As pequenas ilhas ao sul da Itália tiveram de render-se por falta de água potável, mas a Sicília, a Sardenha e todas as restantes têm assegurada a água e a alimentação e encontram-se tão próximas da Itália que as comunicações não podem ser interrompidas pelo inimigo. Nas ilhas italianas e noutros pontos, foram construídos foscos anti-tanques que não poderão ser ultrapassados. Os aliados não se atreverão a desembarcar nas ilhas italianas e muito menos na costas da Itália, mas, se o fizerem, terão de desistir do seu intento, após terem sofrido tremendas baixas".

Sairam totalmente errados os cálculos dos militaristas hitlerianos, tal como já lhes haviam saído errados no que respeitava às operações na U.R.S.S.. A campanha da Sicília aproxima-se do seu fim e tudo indica que a Itália não poderá resistir à invasão.

Começam, pela primeira vez, a

conjugar-se as acções ofensivas do Exército Vermelho e dos Exércitos anglo-americanos. Não têm entretanto ainda comparação as batalhas que um e outros travam. A campanha da Sicília deve ser encarada como uma grande vitória, mas, sobretudo, como o prelúdio da abertura da 2.ª Frente no continente europeu. Se os comandos anglo-americanos empregaram a fundo as suas forças, a Alemanha fascista, apesar das grandes forças

de que ainda dispõe, não poderá resistir durante muito tempo à acção conjugada no Oriente e no Ocidente. Muito menos se os assassinos e degenerados governantes da Alemanha hitleriana jogarem, como cartada do desespero, os gases asfixiantes.

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Kirov	27800	Transporte	2.745800
Gr. Manuel	—	Cam.ª de Fab-	—
dos Santos	215800	brica Solidari-	—
Pátria Livre	46800	iedade aos	—
Passionária	115800	Grevistas . . .	400800
Staline (S.)	26800	Grito de Res-	—
Simão	3800	beldia	80800
Júlio Fogaça	345800	X de Unida-	—
Faisca	5800	de Nacional . .	140800
Freudiano . . .	7850	Santos	5850
1.ª	47850	P.ª "Avante!"	—
2.ª	210800	Semanal	100800
3.ª	50800	A Cam.ª da	—
Grupo Ficho	10800	Vitória	40800
Bento Gon-	—	D.	6800
çalves	15800	Uma Mãe . . .	50800
Zetkine	12800	Dimitrov . . .	100800
Clara Zetkine	150800	Gladkov	73800
Militão (o	—	Revolução . . .	105800
Transmonta-	—	Grupo Glepa	45800
no)	300800	Mariakovski . .	20800
Dr. F. Soares	25800	Espin.ª Ver.ª	50800
Stalinegrado	7850	Le Fevre	2800
Oa que não	—	Stalinista . . .	140800
esquecem o	—	Ligenko	20800
Tarrafal	100800	J. Reed	10800
Soykiziano	450800	Zukov	10800
Morte ao Fas-	—	Foice e Mar-	—
cismo	7850	telo	32850
P.ª nova Tipo	—	Pro Justiça	—
Grupo n.º 1.	05800	Social	50800
" n.º 2.	110800	Pombo Ver.ª	7850
" n.º 3.	250800	Solidariedade	14800
A Transfer		2.745800	Total
			4.451850

NOTA: — Das rubricas que vem sob 1.ª, 2.ª e 3.ª, desconhecemos os nomes respectivos.

Greve em S. João da Madeira!

No dia 5 de agosto, os operários sapateiros de S. João da Madeira, depois de esgotados todos os meios legais de obterem a satisfação das suas reivindicações, lançaram-se em greve. 90 por cento dos operários sapateiros — cerca de 2200 trabalhadores — participam no movimento. As mulheres libertaram 170 dos 200 grevistas presos. A onda de greves rolou agora no norte do país. Os operários do Norte erguem-se para a luta, seguindo o exemplo dos camaradas do Sul.

Que fábrica atrás fábrica, localidade atrás localidade, região atrás região, a classe operária se lance à greve para a satisfação das suas reivindicações. Que a greve se torne o método corrente de luta da classe operária